



GT 08. Antropologia das Emoções

Coordenador(es):

Maria Claudia Pereira Coelho (UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro)

Raphael Bispo dos Santos (UFJF - Universidade Federal de Juiz de Fora)

Sessão 1

Debatedor/a: Eduardo Moura Oliveira (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Sessão 2

Debatedor/a: Monalisa Dias de Siqueira (UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Sessão 3

Debatedor/a: Ceres Gomes Víctora (UFRGS)

O objetivo deste grupo de trabalho é reunir pesquisas que tenham como foco analítico a compreensão da maneira como as dimensões emocionais integram a vida social e dão sentido às experiências dos sujeitos. As pesquisas em Antropologia das Emoções se consolidaram no Brasil nas últimas duas décadas - a partir de perspectivas de campo variadas e com linhas teóricas específicas -, problematizando oposições centrais no pensamento antropológico, tais como indivíduo versus sociedade, natureza versus cultura, micro versus macro, mente versus corpo, privado versus público, interno versus interno, entre outras. Esse grupo de trabalho elege três focos principais do debate sobre emoções: a) sua capacidade micropolítica; b) a dimensão moral da vida emocional; e c) a relação entre emoções e temporalidade. As principais temáticas a serem contempladas são: a) emoções, gênero e sexualidade; b) emoções e religiosidades; c) emoções, geração e curso da vida; d) emoções e política; e) emoções e movimentos sociais; f) emoções e discursos/práticas profissionais; g) emoções, consumo e lazer.

A circulação de afetos no processo de morrer

Autoria: Lucas Faial Soneghet (IFCS)

Partindo de um work de campo em andamento num serviço de assistência domiciliar da rede pública do Rio de Janeiro dedicado ao atendimento de pacientes sob cuidados paliativos, analiso a relação entre dimensão afetiva e temporalidade. O serviço de assistência domiciliar adota a forma de cuidado para pacientes com doenças degenerativas crônicas fora de possibilidade terapêutica denominada Cuidado Paliativo. Tal forma de cuidado propõe considerar o paciente como indivíduo multidimensional, o que significa tratar de aspectos físicos, psíquicos, emocionais, sociais e espirituais. Sendo assim, o cuidado dos pacientes em processo de morrer envolve certo *work emocional*, ou seja, o monitoramento, controle, expressão e gestão de emoções em situações de interação. Junto a isso, o adoecimento em contextos onde não há perspectiva de cura e há declínio das funções corporais tem suas especificidades, suscitando uma gama de emoções no paciente, em sua família e nos profissionais de saúde. O processo de morrer é marcado por irrupções de estados corporais inesperados na forma de novos sintomas, escassez de materiais hospitalares e falta de recursos financeiros para arcar com os cuidados, entre outras situações imprevisíveis e incertas. Sendo assim, é comum a expressão de sentimentos de ansiedade, angústia e medo, bem como a modulação destes a partir de certas práticas afetivas como, por exemplo, o reforço mútuo de expectativas positivas (*‘tudo vai ficar bem?’*, *‘você melhorou bastante?’*), a manutenção de marcos temporais no futuro (consultas que estão por acontecer, mudanças possíveis no tratamento) e a reconstrução da vida cotidiana (tarefas corriqueiras, hábitos e um senso de normalidade). Entretanto, é preciso atentar para as variações na experiência emocional



característica do processo de morrer, e para isso, argumento que a dimensão afetiva deve ser abordada a partir de sua ligação com a dimensão prática e relacional da vida social. Afetos modelam abrem ou fecham rotinas de ação enquanto conferem certa tessitura emocional para as relações e situações. Essa tessitura diz respeito ao aspecto ?atmosférico? e intercorpóreo que pode ser entendido a partir da dimensão afetiva da vida social. Um ambiente ?pesado? ou ?carregado? de uma casa é relatado pelos profissionais de saúde, a disposição ?alegre? ou ?amorosa? de um médico é relatada pelos pacientes e familiares. Sendo assim, estados afetivos podem ser entendidos como variáveis decisivas para a compreensão da vivência do processo de morrer através de sua influência na vida prática e nas relações intersubjetivas. Os afetos abrem caminho para reconsiderar as conexões entre as dimensões corpórea, temporal e normativa da vida social.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: